

Homilia de D. Andrés Carrascosa,
Núncio Apostólico em Portugal
na Missa de Ação de Graças no final do Dia Diocesano
(Catedral de Beja, 19 de setembro de 2026)

Querido irmão no episcopado, D. Fernando,
caros irmãos sacerdotes e diáconos,
queridos membros da Vida Consagrada,
queridos irmãos e irmãs, querida Igreja de Beja:

É para mim uma grande alegria poder estar hoje convosco, nesta Igreja Catedral, no encerramento deste Dia Diocesano como Representante do Santo Padre e desejo transmitir-vos a saudação e a bênção do Papa Leão XIV.

Encontramo-nos— finalmente — pelo menos na conclusão deste Dia Diocesano. Tínhamos combinado tudo com D. Fernando, mas depois surgiu a tomada de posse do Bispo do Algarve na mesma data, e eu devia estar presente. Peço desculpas. Mas, desde já, comprometo-me a vir noutra ocasião para ter encontros com o presbitério da Diocese, com a vida consagrada e com os leigos.

Um Dia Diocesano é sempre mais do que um encontro. É uma oportunidade para uma Igreja particular se reconhecer como aquilo que verdadeiramente é: um povo reunido pelo Senhor, uma família convocada por Cristo, uma comunidade chamada a caminhar junta e enviada em missão.

E é bonito terminar este dia precisamente com a Eucaristia. Porque, depois de ter falado, refletido, escutado, partilhado e procurado discernir juntos, é o Senhor quem nos reúne à volta da sua mesa. É Ele quem tem a primeira palavra e é Ele quem tem também a última. E hoje essa Palavra apresenta-nos uma imagem muito simples: a vinha.

«Ide vós também para a minha vinha»

Jesus fala-nos de um proprietário que sai de manhã cedo para contratar trabalhadores para a sua vinha. Sai depois a meio da manhã. Volta a sair ao meio-dia. Sai novamente pelas três da tarde. E, quando já é quase noite, ainda encontra homens parados na praça e pergunta-lhes: «Porque ficais aqui todo o dia sem trabalhar?» E

eles respondem: «Ninguém nos contratou.» Então diz-lhes: «Ide vós também para a minha vinha.»

Queridos irmãos: Esta palavra é dirigida hoje, de modo muito particular, a nós que estamos a escutá-la nesta Catedral, é dirigida à Igreja de Beja: «Ide vós também para a minha vinha.» É o Senhor quem nos chama, não o Núncio, não o Bispo nem os padres. É o Senhor quem nos envia.

É o Senhor quem nos confia esta vinha que é a Igreja, esta terra concreta, estas comunidades, estas famílias, estes jovens, estas crianças, estes idosos, aqueles que estão perto e aqueles que se afastaram, aqueles que participam e aqueles que ainda não encontraram o seu lugar.

E há uma coisa muito importante no Evangelho de hoje: o dono da vinha continua a sair. Não se cansa de chamar. Não desiste de ninguém. Não diz: «Já é demasiado tarde». Até ao entardecer continua a procurar trabalhadores. Que bela imagem para a pastoral nesta Diocese de Beja!

Há lugar para todos

Talvez uma das grandes tentações da Igreja seja pensar que já não há pessoas suficientes. Que somos poucos. Que as nossas comunidades envelhecem. Que faltam sacerdotes. Que os jovens não participam. Que tantas pessoas já não entram nas nossas igrejas. Tudo isso é uma realidade que não podemos ignorar. Mas não podemos ficar nos lamentos. O livro das Lamentações está completo!

Mas o Evangelho de hoje convida-nos a olhar para ela de outra maneira. O Senhor não pergunta primeiro: «Quantos sois?» Pergunta: «Estais disponíveis para trabalhar na minha vinha?»

E continua a chamar. Chama os que chegaram primeiro. Chama os que chegaram depois. Chama os que chegaram quase ao fim do dia.

Na vinha do Senhor há lugar para todos. Há lugar para o sacerdote. Há lugar para o diácono. Há lugar para a religiosa e para o religioso. Há lugar para a família, para os jovens, para os idosos. Há lugar para os catequistas, para os movimentos e associações. Há lugar para aqueles que já têm uma missão e para aqueles que ainda estão a descobrir a sua vocação. Há lugar para quem sempre esteve na Igreja e para quem regressa depois de muitos anos. E há lugar também para aquele que talvez hoje ainda esteja simplesmente «parado na praça», à espera de que alguém lhe diga: «Vem. Precisamos de ti.»

Uma Igreja que não fica parada

E talvez aqui esteja uma das grandes perguntas para o caminho pastoral da Diocese: Como podemos passar de uma Igreja que espera para uma Igreja que vai ao encontro?

O dono da vinha não fica sentado à espera que os trabalhadores apareçam. Ele sai. Sai uma vez. Sai outra vez. Sai de novo. E volta a sair.

Esta imagem pode ajudar-nos a compreender o que significa uma Igreja missionária e sinodal. Uma Igreja que não se fecha sobre si mesma. Uma Igreja que não vive apenas preocupada com aquilo que sempre fez. Uma Igreja capaz de sair ao encontro. De escutar. De acompanhar. De convidar. De integrar. De dar espaço. De reconhecer os dons que o Espírito Santo colocou no coração de cada batizado.

A sinodalidade não significa simplesmente caminhar juntos porque estamos todos reunidos. Significa reconhecer que todos somos chamados a caminhar com Cristo e que todos temos alguma coisa a oferecer à missão da Igreja.

«Ide vós também»

Há uma palavra que se repete no Evangelho: «Ide.» Não diz: «Ficai.» Diz: «Ide.» É uma palavra missionária. E talvez precisemos de voltar a escutá-la hoje. «Ide às famílias.» «Ide ao encontro dos jovens.» «Ide às periferias.» «Ide ao encontro daqueles que deixaram de vir.» «Ide ao encontro dos que procuram.» «Ide aos que sofrem.» «Ide aos que estão sós.» «Ide aos que não conhecem o Evangelho.» «Ide também àqueles que pensam que a Igreja já não tem nada para lhes dizer.»

Ide vós também para a minha vinha. Não é apenas o bispo que é enviado. Não são apenas os sacerdotes. Não são apenas os consagrados. É toda a Igreja que é enviada. Cada batizado recebeu uma missão. E uma Diocese será tanto mais viva quanto mais os seus membros descobrirem que não são simplesmente destinatários da pastoral, mas protagonistas da missão.

O perigo de trabalhar na vinha e esquecer o dono

Mas o Evangelho contém também uma advertência. Os trabalhadores da primeira hora começam a murmurar porque os últimos receberam o mesmo salário. E aqui aparece uma tentação que também pode entrar na vida da Igreja: comparar-nos. «Eu faço mais.» «Eu estou aqui há mais anos.» «Eu sempre servi.» «Eu trabalhei mais do que aquele.» «Eu mereço mais.» E então, sem nos darmos conta, deixamos de olhar para o dono da vinha e começamos a olhar para os outros trabalhadores.

Irmãos, isto pode acontecer também nas nossas comunidades. Podemos trabalhar muito pela Igreja e, ao mesmo tempo, perder a alegria de servir. Podemos fazer muitas coisas e começar a pensar que a Igreja é «nossa». Podemos esquecer que tudo é graça.

Nós não somos proprietários da vinha. Somos trabalhadores. A vinha é do Senhor. A Igreja é do Senhor. A missão é do Senhor. Os frutos são do Senhor. E nós temos a graça imensa de poder colaborar com Ele.

«Os meus pensamentos não são os vossos»

A primeira leitura ajuda-nos a compreender esta lógica: «Os meus pensamentos não são os vossos, nem os vossos caminhos são os meus.» Deus vê mais longe do que nós. Nós contamos. Deus acolhe. Nós comparamos. Deus dá. Nós calculamos. Deus oferece gratuitamente. Nós perguntamos quem merece. Deus pergunta quem precisa.

E esta é uma mudança profunda de mentalidade pastoral. Talvez uma Diocese não deva perguntar apenas: «Quantas pessoas temos?» Mas: «Quem está a faltar à nossa mesa?» Talvez não devamos perguntar apenas: «Quem trabalha connosco?» Mas: «Quem ainda não descobriu que também tem um lugar na vinha?» Talvez não devamos perguntar apenas: «Como podemos conservar o que temos?» Mas: «Como podemos anunciar novamente o Evangelho àqueles que ainda não o conhecem ou que deixaram de o viver?»

«Para mim, viver é Cristo»

E São Paulo dá-nos hoje a chave. «Para mim, viver é Cristo.» Esta frase deveria poder ser o coração de toda a pastoral. Porque podemos organizar muitas atividades. Podemos elaborar muitos planos. Podemos criar estruturas. Podemos fazer reuniões. Podemos preparar documentos. Tudo isso é necessário.

Mas há uma pergunta anterior a tudo: É Cristo verdadeiramente o centro? Porque a Igreja não existe para manter estruturas. A Igreja existe para anunciar Jesus Cristo, fazer discípulos de Jesus Cristo e conduzir os homens ao encontro com Jesus Cristo.

E o próprio Paulo acrescenta: «Procurai somente viver de maneira digna do Evangelho de Cristo.» Não se trata simplesmente de falar do Evangelho. Trata-se de viver de maneira digna do Evangelho.

Um caminho pastoral que é caminho de conversão

Por isso, o caminho pastoral de uma Diocese não pode ser apenas uma sucessão de actividades. É, antes de tudo, um caminho de conversão. Conversão pessoal. Conversão comunitária. Conversão pastoral. Conversão missionária.

E talvez a pergunta que hoje deveríamos levar para casa seja muito simples: Senhor, o que queres converter em mim? E depois: Senhor, o que queres converter na nossa comunidade?

Porque a verdadeira renovação pastoral não começa por mudar os outros. Começa por deixar que Cristo nos mude a nós. Começa por nós próprios voltarmos a escutar a voz do Senhor: «Ide vós também para a minha vinha.»

Uma Igreja sinodal é uma Igreja que discerne e serve

Queridos irmãos: A Diocese de Beja tem vivido, nos últimos anos, um caminho de procura, de participação e de renovação pastoral. O caminho sinodal da Igreja universal convida-nos a aprofundar precisamente esta cultura da escuta, da participação e da corresponsabilidade. A própria Diocese tem participado neste processo de reflexão sobre a aplicação concreta da sinodalidade e sobre a construção de uma cultura de inclusão.

Mas a sinodalidade não pode ficar apenas nas palavras. Tem de se transformar em vida. Sinodalidade significa aprender a escutar. Escutar Deus. Escutar a Palavra. Escutar os irmãos. Escutar aqueles que pensam como nós. Mas também escutar aqueles que pensam de maneira diferente. Significa discernir juntos. Significa reconhecer os carismas. Significa criar espaço para a participação. E significa, sobretudo, caminhar juntos para a missão.

Porque uma Igreja que caminha junta, mas não sabe para onde vai, simplesmente caminha. A Igreja caminha porque tem uma meta: Cristo. E caminha porque recebeu uma missão: anunciar o Evangelho.

Não tenhamos medo de começar de novo

Talvez alguém pense: «É demasiado tarde.» «Já somos poucos.» «Já não temos as forças de antigamente.» Mas o Evangelho de hoje responde: Nunca é demasiado tarde para entrar na vinha do Senhor.

Olhemos para aqueles homens que estavam ainda na praça quando o dia já ia avançado. O Senhor não lhes disse: «Já não vale a pena.» Disse: «Ide vós também.»

Talvez esta palavra seja particularmente importante para uma Diocese como Beja, com as suas distâncias, as suas comunidades, os seus desafios pastorais, as suas terras e aldeias, os seus campos e cidades.

O Senhor continua a dizer: «Ide vós também.» Não tenhais medo de começar de novo. Não tenhais medo de experimentar caminhos novos. Não tenhais medo de confiar nos jovens. Não tenhais medo de dar responsabilidades aos leigos. Não tenhais medo de reconhecer os carismas das mulheres. Não tenhais medo de acolher quem regressa. Não tenhais medo de procurar quem se afastou. Não tenhais medo de sair. O Senhor continua a chamar.

E o salário?

Há ainda uma outra coisa no Evangelho que não podemos esquecer. No fim do dia, todos recebem um denário. E aqui está a lógica desconcertante de Deus: ninguém fica sem o necessário. Porque o Reino de Deus não é uma competição. Na Igreja não somos concorrentes. Não estamos a disputar lugares. Não temos de provar que somos melhores do que os outros. Temos de nos alegrar porque Deus é bom.

E esta talvez seja uma das grandes conversões de que precisamos: passar de uma Igreja da comparação para uma Igreja da gratidão; de uma Igreja da competição para uma Igreja da comunhão; de uma Igreja do «eu» para uma Igreja do «nós»; de uma Igreja que pergunta «o que recebo?» para uma Igreja que pergunta: «O que posso oferecer?»

«Ide vós também para a minha vinha»

Querida Igreja de Beja: Ao terminar este Dia Diocesano, levai esta palavra convosco: «Ide vós também para a minha vinha.» Ide para as vossas paróquias. Ide para as vossas famílias. Ide para os vossos ambientes de trabalho. Ide ao encontro dos jovens. Ide ao encontro dos pobres. Ide ao encontro dos que sofrem. Ide ao encontro dos que perderam a esperança. Ide ao encontro daqueles que estão à espera, talvez sem sequer saberem que estão à espera de Deus.

E não vos pergunteis: «Será que somos suficientes?» Perguntai antes: «Estamos disponíveis?» Porque quando Deus chama, não olha primeiro para a nossa capacidade. Olha para a nossa disponibilidade. E quando nos colocamos nas suas mãos, Ele faz muito mais do que aquilo que nós somos capazes de imaginar.

Confiar a Diocese a Maria

E termino confiando este caminho pastoral a Nossa Senhora. Maria foi a mulher que soube dizer «sim». Não ficou parada. Depois de receber o anúncio do Anjo, levantou-se e pôs-se a caminho. Levou Cristo consigo. E foi ao encontro de Isabel. É isso que precisamos de aprender com Maria: receber Cristo e levá-lo aos outros.

Que Nossa Senhora acompanhe a Diocese de Beja. Que acompanhe o vosso Bispo, D. Fernando. Que acompanhe os sacerdotes e diáconos. Que acompanhe os consagrados. Que acompanhe as famílias. Que acompanhe os jovens. Que acompanhe todos os agentes pastorais. E que nos ensine a repetir, todos os dias, com humildade e confiança: «Senhor, aqui estou. Envia-me para a tua vinha.»

Queridos irmãos: O dia está a terminar. Mas a missão não termina. O Dia Diocesano termina. Mas o caminho continua. A celebração termina. Mas a missão começa de novo. O Senhor está a dizer-nos esta tarde: «Ide vós também para a minha vinha.» Não amanhã. Hoje. Não quando tivermos tudo organizado. Hoje. Não quando formos perfeitos. Hoje. Porque a vinha é grande, os trabalhadores são poucos e o Senhor continua a chamar.

Que a Diocese de Beja saiba ouvir esta voz. E que, daqui a um ano, no próximo Dia Diocesano, possamos olhar para trás e dizer: «Senhor, fomos. Tentámos. Servimos. Anunciámos. Caminhámos juntos. E vimos que Tu estiveste connosco.»

Porque, no fim de tudo, a vinha é d'Ele. A missão é d'Ele. A Igreja é d'Ele. E para nós, como para São Paulo, viver é Cristo. Ámen.